

## A vivência da fé nos personagens de *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie

Mariana Antônia Santiago Carvalho <sup>(1)</sup> e  
Francisco Célio da Silva Santiago <sup>(2)</sup>

Data de submissão: 31/7/2019. Data de aprovação: 24/9/2019.

**Resumo** – O presente trabalho objetiva uma análise dos elementos religiosos que norteiam e servem como mecanismos temporais no romance *Hibisco Roxo* (2011), da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Publicado em 2003, o primeiro romance da autora aborda um núcleo familiar permeado pela violência doméstica que se utiliza do pretexto religioso como uma das maneiras de infligir agressões. O personagem Eugene tenta seguir com rigor os preceitos católicos e a cultura inglesa e, quando seus familiares não os executam com perfeição, provoca-lhe uma ira que o faz optar por violentá-los com agressões físicas. Em contrapartida, há o seu pai, Papa-Nnukwu, um ancião tradicionalista que não permite interferências em seus costumes igbos; e Tia Ifeoma, que consegue transitar pelas duas religiões – tradicional e católica – e extrair o que de melhor elas podem oferecer. Utilizaremos os estudos de Hall (2003), Bonnici (2009) e Said (2007) sobre o choque cultural de culturas diferentes e a imposição da metrópole sobre a colônia, visto que a Nigéria foi por muito tempo colônia inglesa. Sobre o elemento das aparições de Nossa Senhora na narrativa, utilizaremos as ideias de Boff (2006) sobre o papel de Maria como elemento nacional e suas aparições como fomentadora da religiosidade popular.

**Palavras-chave:** Chimamanda Ngozi Adichie. *Hibisco Roxo*. Intolerância religiosa. Violência doméstica.

## The experience of faith in the characters of *Hibiscus Roxo*, by Chimamanda Ngozi Adichie

**Abstract** - This paper aims to analyze the religious elements they guide and they serve as temporal mechanisms in the Nigerian novel *Hibisco Roxo* (2011), by Chimamanda Ngozi Adichie. Published in 2003, the author's first novel addresses a family core permeated by domestic violence that uses religious pretext as one way to inflict aggression. The character Eugene tries to strictly follow Catholic precepts and English culture, and when his family members do not execute them perfectly, it provokes an anger in himself and he chooses to violate them with physical aggression. In contrast, there is his father, Papa-Nnukwu, a traditionalist elder who does not allow his Igbo customs to be interfered with; and Aunt Ifeoma, who can navigate the two religions - traditional and Catholic - and she extracts the best they can offer. We will use the studies by Hall (2003), Bonnici (2009) and Said (2007) on the cultural clash of different cultures and the imposition of the metropolis on the colony, since Nigeria was for a long time an English colony. About the element of the apparitions of Nossa Senhora in the narrative, we will use the ideas of Boff (2006) about the role of Maria as a national element and her appearances as a promoter of popular religiosity.

**Keywords:** Chimamanda Ngozi Adichie. *Hibisco Roxo*. Religious intolerance. Domestic violence.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará. Marianaasc92@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Informática Educativa, Pedagogo do Instituto Federal do Ceará, *Campus* Tianguá. Membro do NEABI – Tianguá. Celio.santiago@ifce.edu.br

## Introdução

Como muitos países colonizados, a Nigéria sofreu interferências ocidentais no modo como seus indivíduos viviam sua religiosidade. Primeiro que o espaço territorial delimitado para constituir muitos países africanos foi decidido de maneira aleatória em uma reunião de primeiros-ministros: a Conferência de Berlim (1885), que dividiu entre grandes potências europeias os territórios da África. Sem se importar com as etnias que lá viviam, grupos rivais acabaram sendo aglutinados em um território. Como instituição parceira, a Igreja Católica tinha uma função preponderante: a civilização das colônias africanas, pois nas orientações eclesiais da época, antes de evangelizar era necessário civilizar. Como a Conferência de Berlim deu total apoio e garantias para as implantações de missões catequizantes nos países dominados, a Igreja Católica alegava que precisava de vultosas verbas financeiras para manter seus missionários nas colônias.

Na Nigéria, maior país africano em população, estão presentes várias etnias com um forte passado de rivalidade, como os igbos, haussás, fulanis, iorubás<sup>3</sup>, cada qual com sua religião, preceitos, que acabaram tendo que se subjugar às religiões muçulmana, católica e protestante. O pós-colonialismo – corrente sociológica, política e literária – surgido após a independência dos países africanos, mesmo sendo um termo ainda controverso entre os estudiosos, é ligado à produção epistemológica crítica à cultura dominante do colonizador. O eurocentrismo que tanto permeia o mundo global é combatido: pelo modernismo, no Brasil; pelo neo-barroco, na América Latina; e, pelo então pós-colonialismo, em sua maioria com intelectuais africanos. Um lócus que por muito tempo foi narrado a partir do europeu, agora é um lugar de enunciado em que seu próprio povo fala a partir das suas experiências coloniais.

Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana, faz parte do grupo contemporâneo de destaque que vem criando narrativas com fortes críticas à sociedade pós-colonial. Discípula do grande romancista nigeriano Chinua Achebe, a escritora, com então três romances publicados, já versou sobre a Guerra do Biafra, sobre a imigração para países desenvolvidos e sobre a ditadura militar na Nigéria. Em paralelo a esses episódios históricos da nação nigeriana, a natureza humana também é narrada, como em *Hibisco Roxo* (2011), seu primeiro romance, publicado em 2003, nos Estados Unidos. A protagonista Kambili tem suas relações familiares turbulentas permeadas pela figura autoritária do seu pai, Eugene Achike. Uma das formas de opressão que o pai utiliza é a religião católica, por meio de práticas de suplícios, de constantes vigilâncias sobre a conduta e a sexualidade dos filhos.

É perceptível que a autora utiliza-se do elemento religião para desenvolver críticas a esse respeito. Existe o personagem Eugene/Papa que, mesmo sendo igbo, rejeita sua cultura tradicional e aceita apenas a espiritualidade cristã católica como soberana. Por conta dessa fé cega, ele utiliza suplícios em seus familiares. Ele sofre do “complexo de Próspero<sup>4</sup>”, como Shohat & Stam (2006) nomeiam os colonizados que possuem uma dependência para com a figura do branco. Papa-Nnukwu é um senhor idoso, pai de Eugene. Ele é resistente às mudanças impostas pela cultura inglesa e continua seguindo a espiritualidade dos seus antepassados. É categorizado pelo filho como ímpio, pagão e adorador do demônio. Já a tia Ifeoma, irmã de Eugene, é a personagem sincrética. Ela professa duas religiões: a do pai e a católica. Ela transita no entrelugar. O entrelugar produz “o novo” (BHABHA, 1998), pois ao mesmo tempo que é

---

<sup>3</sup> “Nos 923.768 km<sup>2</sup> que compõem o país, vivem mais de 150 milhões de habitantes, pertencentes a três grandes etnias [...] e dezenas de grupos minoritários” (REIS, 2011, p. 26). Chimamanda Ngozi Adichie pertence à etnia igbo, e os personagens do romance *Hibisco Roxo*, também.

<sup>4</sup> Próspero é um personagem da peça *A Tempestade* (1623), de Shakespeare. A peça é tida, nos Estudos Culturais, como uma alegoria do processo de colonização e tratamento aos nativos das terras tomadas. Próspero, fugindo da sua terra onde foi jurado de morte, chega a uma ilha sem localização certa e passa a se autodenominar dono. Expulsa Sícórax, vista como bruxa, e torna o filho, Calibã, como seu escravo. Nessa relação de servidão, Calibã terá por obrigação aprender a língua e os costumes do seu senhor.

uma novidade em relação ao passado, é também um ato de resistência, mexendo nas estruturas de poder.

A narrativa é dividida em quatro momentos temporais: 1. Quebrando os Deuses – Domingo de Ramos; 2. Falando com nossos espíritos – Antes do Domingo de Ramos; 3. Os pedaços de Deuses – Após o Domingo de Ramos; e 4. Um Silêncio Diferente – O presente.

### **Quebrando os deuses – Domingo de Ramos**

Na primeira parte, o livro já começa *in media res*, com Kambili narrando que seu irmão não comungou: “As coisas começaram a se deteriorar lá em casa quando meu irmão, Jaja, não recebeu a comunhão, e Papa atirou seu pesado missal em cima dele e quebrou as estatuetas da estante” (p. 9)<sup>5</sup>. A partir dessa primeira frase já encontramos o tom da narrativa: conservadorismo religioso e violência doméstica. As missas são os lugares preferidos para Eugene ostentar sua grande civilidade cristã. É o primeiro que comunga e toma para si a função de observar quem não o faz, sempre informando para o padre o nome do indivíduo depois da missa. Por isso, a ausência do filho enfureceu-o tanto. O pároco dá-lhe muita atenção e sempre cita o comportamento exemplar de Eugene nas homilias. Padre Benedict é um branco inglês e uma das modificações que fez na paróquia, assim que tomou posse, foi diminuir o número de palmas e canções em línguas nativas, demonstrando desconhecimento das orientações do recente Concílio Vaticano II. Logo, Eugene nutria admiração pelo padre e não cansava de fazer doações generosas para os pedidos do sacerdote.

Na obra *Orientalismo* (1978), o autor Edward Said traça a genealogia de como o europeu criou a contraposição ao Ocidente. O Oriente e terras abaixo da linha do Equador são a antítese de civilidade dos ocidentais, portanto, subjuguá-los, por intermédio do pretexto de civilizá-los, outorgou a pilhagem, a escravidão, o genocídio e o apagamento cultural dos povos. “O orientalista moderno se considerava um herói resgatando o Oriente da obscuridade, alienação e estranheza que ele próprio cuidara de identificar.” (SAID, 2011, p. 176).

A religião foi uma das esferas de combate. A imposição da religiosidade de base cristã, tida como a verdadeira e única crença, foi uma das práticas dos colonizadores. Partindo do pressuposto de que os nativos eram seres infantilizados e vivendo em estado de selvageria, o europeu, em seu máximo poder, impôs sua cultura. “Dominada por uma raça que os conhece e sabe o que é bom para eles mais e melhor do que poderiam possivelmente saber eles próprios.” (SAID, 2007, p. 66).

Tendo Eugene sua origem em uma comunidade de igbos, que praticavam a religião tradicional, ainda menino é entregue por seus pais para os padres católicos ingleses, a fim de obter educação. Ao passo que é doutrinado por meio da educação eurocêntrica, Eugene desenvolve aversão às práticas culturais do seu povo e renega seus familiares, principalmente seu pai, um senhor que não se permitiu ter sua cultura interferida. A propagação dos ideais eurocêntricos se deu com grande sucesso através de instituições de ensino, muitas administradas por religiosos que “assumiram a missão civilizadora europeia” (REIS, 2011, p. 23). Outrora, ensinadas por meio da transmissão oral de saberes ancestrais por meio dos anciãos, as crianças africanas passaram a frequentar escolas que as doutrinavam em uma cultura diferente da delas, inclusive utilizando a língua do colonizador e sendo catequizadas na religião dos brancos, considerada superior.

Anos depois, Eugene se torna um grande empresário, dono de um jornal opositor ao governo e um filantropo muito generoso. Socialmente é visto como um grande homem, todavia, só sua família conhece o quão paradoxo é. Utilizando-se da violência doméstica e do terror psicológico, ele domina seus filhos e esposa. Em relação ao seu pai, renega-o, impedindo até que os filhos tenham contato com o avô. “Meu pai desperdiçava seu tempo adorando deuses de

---

<sup>5</sup> Optou-se por colocar apenas o número da página, pois todos os trechos citados pertencem à mesma edição de *Hibisco Roxo*, da Companhia das Letras.

madeira e pedra. Eu não seria nada hoje se não fosse pelos padres e pelas irmãs da missão.” (p. 53).

Essa gratidão/ingratidão é o que permeia a vida de Eugene. Em alguns episódios descritos por Kambili, visualizamos o quanto seu pai se esforça para aparentar uma impecável família cristã e um inglês sem sotaque, ou seja, sua preocupação é sempre em se enquadrar nos parâmetros ocidentais.

Papa mudou de sotaque quando respondeu, adotando uma pronúncia britânica, como fazia quando falava com o padre Benedict. Ele se mostrou gracioso e ansioso por agradar, como sempre era com os religiosos, principalmente os religiosos brancos. (p. 52)

– Kambili e Jaja, hoje à tarde vocês irão à casa de seu avô visitá-lo. Kevin vai levá-los. Lembrem, não comam nada nem bebam nada. E, como sempre, vão ficar só quinze minutos. Quinze minutos. [...] Papa jamais cumprimentava Papa-Nnukwu, jamais o visitava, mas mandava maços de nairas para ele por intermédio de Kevin ou de um dos membros da *umunna*. (p. 68-69)

Fanon aborda a preocupação do negro colonizado em se assemelhar com o branco. O ato de falar bem a língua do colonizador lhe garante um *status* de civilidade, “possuir a morfologia de tal e qual língua, mas é, sobretudo, assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33).

Eugene, como em muitos lares cristãos, faz preces antes das refeições. Ele até mesmo inventou um novo nome para a Virgem Maria: Nossa Senhora Amparo do Povo Nigeriano. Interessante que ao mesmo tempo em que vangloria tudo o que é ocidental, ele cria uma Maria nigeriana. Talvez não negra, pois seria demais para nosso personagem tão autorracista, mas uma Maria com identidade próxima a dele. Boff (2009) argumenta sobre a relação do fervor da figura mariana e a criação de um culto popular em sua honra. “Isso faz com que o patronato nacional mariano esteja frequentemente ligado a um imaginário muito rico, entrecido de aparições, milagres e prodígios vários.” (BOFF, 2009, p. 304).

Nossa Senhora é um elemento na narrativa que gera desconforto. É-nos informado que a Virgem está aparecendo em uma localidade próxima à cidade de Eugene. A mariofania é um evento que, no contexto atual, não mexe apenas com a religiosidade católica, movimenta tudo o que há ao redor, como turismo, comércio, jornalismo, por isso a precaução da Igreja Católica diante desses acontecimentos.

Quando questionado sobre a veracidade das aparições, Eugene refuta por conta da Igreja ainda não ter se posicionado. Amaka, sua sobrinha, diz: “além disso, já está mais do que na hora de Nossa Senhora aparecer na África. Você não acha estranho ela só aparecer na Europa? Afinal de contas ela era do Oriente Médio” (p. 148)<sup>6</sup>. Inclusive, Boff salienta o reduzido número de aparições marianas nos continentes africano e asiático, sendo o maior número, quase que absoluto, em países europeus. O teólogo brasileiro entende que a mariofania possui um caráter libertador, por mexer principalmente com as camadas mais pobres da Igreja e se manifestar, na maioria das vezes, para pessoas pobres, muitas marginalizadas pela sociedade, como analfabetos. A liberdade surge, então, em os pobres se perceberem filhos queridos da Mãe de Deus e “na vertente propriamente ‘carismática’, livre ou informal da vida da Igreja, diferente da vertente ‘institucional’, hierárquica ou oficial” (BOFF, 2009, p. 553).

Nessa quase que inconcebível ideia de a Virgem aparecer em solo africano por, talvez, a África e seu povo negro não serem dignos de tamanha graça, Kambili percebe que todas as vezes que ora, imagina um Deus branco com sotaque do Padre Benedict. Não há um aprofundamento dessa percepção, todavia, é nítido que Chimamanda, em episódios constantes,

---

<sup>6</sup> De fato, as aparições reconhecidas pela Igreja Católica são: 1846 e 1954, na França.; 1917, em Portugal; E 1961, na Espanha.

critica esse ideário branco, uma certa colonização espiritual, que embranqueceu até mesmo Deus. Como diz Fanon: “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva” (2008, p. 34).

### **Falando com nossos espíritos – antes do Domingo de Ramos**

No segundo momento da narrativa, somos transportados para um momento temporal antes de toda a confusão entre Papa e Jaja. A primeira menção a Deus vem da personagem da Mama, Beatrice, uma mulher resignada que não ousa se defender das violências do marido. Durante vários momentos da narrativa, Beatrice é descrita com hematomas no corpo, recuperações de abortos, silenciada diante de tudo isso. Mesmo sofrendo nas mãos do marido, Beatrice se resigna, considerando-o um homem bom por suas filantropias e com momentos de raiva devido aos negócios.

A falsa harmonia familiar é desfeita com a chegada de um novo padre, Padre Amadi. Ele já traz um desconforto logo à primeira vista por ser negro. Além disso, insere durante a liturgia músicas em igbo e aguça na assembleia alegria e descontração. O sacerdote nigeriano pratica um discurso religioso de agregação dos elementos étnicos que, mesmo inserido em uma religião ocidental, em forma de resistência, ainda traz em seu fazer sacerdotal os costumes característicos da sua sociedade tradicional. “É aqui que a mímica se apresenta como uma ‘conciliação irônica’, nos termos de Bhabha, retirando sua força de ambivalência entre o ‘parecer igual’ e o ‘ser igual’.” (REIS, 2011, p. 42).

Papa se exaspera com esse comportamento nada convencional:

– Aquele jovem padre cantando no meio do sermão como um homem sem Deus de uma dessas igrejas pentecostais que brotam em todos os cantos como cogumelos... Pessoas como ele trazem problemas para igreja. Precisamos nos lembrar de rezar por sua alma – disse Papa. (p. 35)

Em seguida, tem-se um dos momentos mais tensos da narrativa. Papa, depois da missa do Padre Amadi, quer visitar Padre Benedict e confabular sobre o comportamento do recém-chegado. Contudo, Mama não deseja sair do carro, visto que está grávida e sente enjoos. Papa enfurece-se. Ao chegar em casa, antes da refeição, Kambili descreve a prece paterna:

Quando Papa começou a oração, sua voz tremeu mais do que o normal. Ele agradeceu primeiro pela comida, depois pediu que Deus perdoasse aqueles que haviam tentado se opor à Sua vontade, que haviam colocado seus desejos egoístas em primeiro lugar e não quiseram visitar Seu servo após a missa. (p. 38)

Após o jantar, depois que cada um foi para seu respectivo quarto, Kambili começa a escutar pancadas. Ela fecha os olhos e começa a contar. No número 19 de sua contagem, o silêncio volta. Automaticamente, os dois irmãos saem do quarto e se dirigem para a origem das pancadas. Não é descrito o estado em que encontram Mama, e sim o ágil serviço de limpeza que os filhos assumem, demonstrando o quão corriqueiro é aquilo, a tal ponto de eles já terem os papéis definidos: Kambili com o pano e Jaja com a escova. Mama é levada ao hospital e, ao voltar, informa que o bebê se foi.

Papa se alonga muito em suas orações pelos ímpios e por seu país. “Papa rezou por vinte minutos pedindo que fôssemos protegidos, [...] pedindo pela Nigéria, [...] rezou pela conversão do nosso Papa-Nnukwu, para que ele pudesse ser salvo.” (p. 68). É um profundo admirador da figura do seu sogro, um homem negro de pele clara – talvez albino. Sabedor de latim e das definições e dogmas do inconcluso Concílio Vaticano I<sup>7</sup>, caiu nas graças dos missionários ingleses tornando-se o primeiro catequista da região. “Fazia as coisas do jeito certo, do jeito que os brancos fazem, não como o povo faz agora!” (p. 75).

---

<sup>7</sup> O Concílio Vaticano I teve que ser interrompido em 1870 por causa da guerra franco-prussiana e da invasão de Roma.



Neste capítulo, temos a presença e a voz do avô paterno do Kambili, o homem pagão que o próprio filho rejeita. Ele professa a religião dos seus antepassados e mesmo que tenha dado seu filho para os ingleses educarem, ele próprio é resistente à cultura ocidental. Reis (2011) explica justamente como o próprio compatriota rural e não cristão será visto pelos demais como feiticeiro e perigoso. É a comparação que o negro, diz Fanon (2008), fará com seu semelhante em busca de se sentir superior e mais parecido com o europeu.

– Lembro do primeiro que apareceu em Abba, o que chamavam de Padi John. O rosto dele era vermelho como dendê [...]. À tarde, ele reunia as crianças debaixo da árvore de *ukwa* que há na missão e ensinavam sua religião a elas. Eu não me juntava a ele, *kpa*, mas às vezes ia ver o que estavam fazendo. Um dia, perguntei: “Onde fica esse deus que vocês adoram?”. Eles disseram que o deus deles era como *Chukwu*, que ele morava no céu. E eu perguntei: “Quem é essa pessoa que foi morta, essa que fica pendurada na madeira do lado de fora da missão?”. Eles disseram que era o filho, mas que o filho e o pai eram iguais. Foi então que eu tive certeza de que o branco era louco. O filho e o pai iguais? *Tufia!* Você não vê? É por isso que Eugene não me respeita, porque pensa que somos iguais (p. 93).

Contraditório talvez seja a característica que mais define a personalidade de Eugene. Ao mesmo tempo em que ele ralha com sua esposa por, num gesto tradicional, ter se abaixado e permitido que o Igwe (espécie de governador tradicional) desse tapinhas, afirmando que não se deve ajoelhar-se e prestar reverência para um ser humano, Eugene bate em Kambili, por ela, seguindo a lógica da explicação anterior, não ter se ajoelhado e beijado o anel do bispo.

Ifeoma é a personagem que busca sincretizar, encontrar um meio termo entre o catolicismo e a religião tradicional. Ela é a ponte entre o irmão Eugene e o Papa-Nnukwu, e até mesmo entre as separações rápidas de Eugene e Beatrice. Sua mente aberta a possibilidades espirituais são um choque para a mente conservadora dos irmãos Kambili e Jaja. As duas práticas religiosas não precisam necessariamente ser excludentes. O indivíduo híbrido, como elenca Hall (2003), tem essa “permissão” de entrelugar, de transitar concomitantemente entre várias esferas, pois o colonialismo derrubou barreiras mesmo ao impor sua cultura, e o mundo global, através do imperialismo, desconhece cada vez mais culturas cristalizadas.

– Viu como seu Papa-Nnukwu está ficando bom? – Perguntou tia Ifeoma. – Faz bastante tempo que ele está sentado para Amaka poder pintar seu retrato. É um milagre. Nossa Senhora é fiel.

– Como Nossa Senhora pode interceder por um pagão, tia?

Tia Ifeoma ficou em silêncio enquanto usava uma concha para colocar a pasta grossa de taioba dentro da panela de sopa; então me olhou e disse que Papa-Nnukwu não era um pagão, mas um tradicionalista, que às vezes o que era diferente era tão bom quanto o que era familiar, que quando Papa-Nnukwu fazia seu *itu-nzu* de manhã, sua declaração de inocência, era a mesma coisa do que quando rezávamos o rosário (p. 177).

No pós-colonialismo, o hibridismo é entendido como trocas de influências culturais, “a qual subestimava a desigualdade inerente às relações de poder e enfatizava as políticas de assimilação através do mascaramento das diferenças culturais” (BONNICI, 2009, p. 30). Ligado ao termo mestiçagem, no sentido de fusão racial, o hibridismo também se associa ao termo sincretismo, que é a concomitância de credos religiosos. Cultura híbrida, no caso, é o encontro – porém, não fusão – de elementos oriundos de diferentes origens que, ao se aproximarem, criam novos objetos, práticas culturais.

É por meio da experiência religiosa de sua tia que Kambili desconstruirá a visão preconceituosa que possui com as religiões tradicionais. Não atinge sua prática católica, mas influencia o seu irmão, Jaja, a resistir às práticas autoritárias do pai. Kambili está sempre em busca de agradar seu pai, mesmo quando começa a enxergar a violência familiar em que está inserida. Seu irmão, ao contrário, à medida que toma consciência do ambiente agressivo em

que está imerso – acadêmico, religioso e familiar –, começa a se posicionar de maneira contrária aos gostos do pai, como no episódio da não comunhão.

### **Os pedaços de deuses – após o Domingo de Ramos**

A frágil paz familiar começa a ruir. “Tudo desmoronou após o Domingo de Ramos” (p. 271). Jaja não sai mais do quarto e a saúde de Eugene vai se debilitando cada vez mais. O clima na casa é tenso. “Fui ficando apavorada à medida que o Domingo de Páscoa se aproximava.” (p. 274). Kambili observa tudo como espectadora. Seu pai se debilitando a olhos vistos, sua mãe aparentando uma sutil mudança diante do autoritarismo do marido, e Jaja se rebelando contra os desmandos do pai sobre a família. É Sexta-feira Santa e Papa, depois de derrubar o café, pois suas mãos estavam trêmulas, decide ir para a missa só à noite. Kambili rememorara a missa da Paixão do ano anterior e seu pequeno teatro para agradecer ao pai.

Achei a cruz fria quando a beijei. Um calafrio me percorreu e os pelos do meu braço se eriçaram. Quando já estávamos sentados, comecei a chorar em silêncio, deixando as lágrimas escorrerem pelas minhas bochechas. Muitas pessoas à minha volta também choraram, como faziam durante a Via Crúcis, em que gemiam e diziam: “Oh, veja o que o Senhor fez por mim” [...]. Papa ficou satisfeito com as minhas lágrimas. [...]. Embora eu não soubesse bem por que estava chorando, ou se estava chorando pelos mesmos motivos que aquelas pessoas que se ajoelhavam nos genuflexórios, fiquei orgulhosa quando Papa fez aquilo. (p. 274)

Amaka, filha da Tia Ifeoma, é uma personagem de resistência às práticas ocidentais, tal como o avô, Papa Nnukwu. Em suas conversas com o Padre Amadi, Amaka questiona o fato de o catolicismo da época negar a individualidade e a cultura dos africanos, indo contra a inculturação orientada pela constituição *Gaudium et spes* do Concílio Vaticano II. Exemplo disso é o fato de que, ao se crismar, o jovem precisava escolher um nome inglês para poder receber o sacramento, visto que um nome africano não era aceito.

– Quando os missionários chegaram aqui, eles achavam que os nomes do povo igbo não eram bons o suficiente. Insistiam para que as pessoas escolhessem um nome inglês antes de serem batizadas. Nós não devíamos ter progredido? [...] – O que a Igreja está dizendo é que só um nome inglês torna válida a nossa crisma. O nome “Chiamaka” diz que Deus é belo. “Chima” diz que Deus sabe mais, “Chiebuka” diz que Deus é o melhor. Por acaso eles não glorificam Deus da mesma forma que “Paul”, “Peter” e “Simon”? (p. 286)

Depois, Amaka argumenta sobre a ida do Padre Amadi para a Alemanha em missão de evangelização, visto que na Europa diminuía cada vez mais o número de sacerdotes e era necessário agora importar padres. Amaka representa o outrora colonizado que questiona as imposições sociais, tal qual o objetivo do pós-colonialismo, que visa à crítica e ampliação das vozes antes caladas. A menina domina a cultura do outro, que inquestionavelmente já é a sua, porém, não se permite “engolir” sem antes questionar o porquê de assim ser.

– Os missionários brancos trouxeram seu deus para cá – disse Amaka. – Um deus da mesma cor que eles, adorado na língua deles e empacotado nas caixas que eles fabricam. Agora que estamos levando esse deus de volta para eles, não devíamos pelo menos empacotá-lo em outra caixa. (p. 281)

### **Considerações finais**

A Nigéria, nos dias atuais, é alvo do grupo extremista islâmico Boko Haram, que sequestra meninas e as leva para seus acampamentos em lugares recônditos. Elas são violetandas e obrigadas a casar com adeptos do grupo, ou então são vendidas no mercado de tráfico internacional de mulheres. Uma triste situação que tolhe a liberdade de meninas que muitas vezes são capturadas quando estão no ambiente escolar. Recentemente, foi proibido por lei no país a clitorectomia, uma prática religiosa feita na insalubridade e sem anestesia, causadora de grande dor nas mulheres, além de castrar sua sexualidade.

A autora Chimamanda, ao permear toda a narrativa de *Hibisco Roxo* pela questão do confronto da religiosidade vivenciada por dois modos diferentes – tradicional e ocidental –, encontrou um ponto da sociedade pós-colonial para explorar o quanto a colonização desestabilizou as culturas das colônias. Hall é um importante estudioso que se debruçou sobre como a identidade do indivíduo moderno é construída e como resiste (ou não) diante de uma sociedade globalizada. Antes um sujeito unificado, hoje ele vive uma “crise de identidade” que abalou “os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2003, p. 7). Chimamanda, em seu manifesto *Para educar crianças feministas* (2017), no conselho número 9 para sua amiga Ijeawe, aconselha sobre a importância de ensinar desde a tenra idade os filhos a terem orgulho de suas origens, justamente para aguçar o senso de identidade na criança. Entretanto, ela enfatiza a necessidade de ter uma criticidade aos elementos que são maléficos como, no caso da etnia igbo, a sujeição da mulher à vontade do homem e o materialismo em primeiro lugar na vida.

Dessa maneira, a literatura africana, ainda tão pouco analisada pela academia brasileira, é um grande arcabouço para visualizarmos temáticas da natureza e da miséria humanas. O mundo hoje é sincrético e global, quer queiram ou não os conservadores. Encontrar a paz por intermédio do ecumenismo é disseminar a desconstrução de preconceitos e autoritarismos, que atingiram, com esperança, o machismo, a prática patriarcal do homem se considerar o dono da mulher. Sendo assim, a religiosidade poderá ser experienciada de maneira plena, sem distinção de gênero e classe, e o preceito universal – o Amor ao próximo – poderá ser, sim, o centro e o objetivo da fé.

### Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco Roxo**. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BOFF, Clodovis M. **Mariologia social: o significado da Virgem para a Sociedade**. São Paulo: Paulus, 2006.

BONNICI, Thomas (org.). **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MATTA, Inocência. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. **Civitas**. Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42, jan.-abr. 2014..

REIS, Eliana Lourenço de Lima. **Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como a invenção do Ocidente**. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



SHOHAT, E; STAM, R. **Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação.** Tradução. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.